

CAMARADA PAULO FREIRE EM GOIÁS: ANDARILHAGENS PELO CERRADO

DIANE VALDEZ

MIRIAM FÁBIA ALVES

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

RESUMO: Esse texto, que integra o Dossiê de comemoração ao centenário de Paulo Freire, destaca a presença deste educador no Estado de Goiás e está organizado em dois recortes temporais. O primeiro foca nos anos 60, antes do golpe militar de 1964, quando Freire realizou um debate nacional e veio a Goiânia para divulgar as experiências com alfabetização popular, que evidenciaram as suas concepções acerca da educação. O segundo foca no período pós-exílio, com a participação de Freire, em 1980, no III Encontro Nacional de Supervisores, e em 1988, quando ele recebeu a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* proposto pela Faculdade de Educação da UFG. A partir da análise de documentos, assim como dos depoimentos de pessoas que acompanharam esses acontecimentos, podemos constatar que a presença de Paulo Freire em Goiás foi fundamental para o debate de uma educação libertadora e democrática nesses dois momentos da história. Freire marcou um importante encontro com a educação em Goiás, no Brasil e em outros países, este reconhecimento é consolidado em diversos lugares, o que o torna ainda mais o patrono da educação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire. Goiás. História da Educação. Anos Oitenta.

Remetendo à memória de Paulo Freire, em suas cartas enviadas durante o exílio, quando sentia uma saudade mansa do Brasil, achamos justo e afetivo, empregar no título deste artigo a palavra “camarada”, que abre e fecha a voz de Freire, no cumprimento da chegada e na despedida. Ou seja, destinatários/as eram camaradas e o remetente também se auto intitulava assim. Desenhado pelas mãos de Paulo, esse substantivo comum de dois gêneros cresce nas escritas e transborda sentido de pertencimento da militância desde sempre. Uma palavra que nos constitui no companheirismo, na amizade, na parceria, na solidariedade e na luta.

Ainda que se tente, nesses tempos de ódio criado pelo Estado brasileiro, deslegitimar essa palavra e a história desse educador, a camaradagem vive em suas obras e nos encoraja para o enfrentamento político necessário nesses tempos incrédulos. Este texto é, portanto, mais uma resistência às ignorantes tentativas de apagamento da memória de Paulo Freire, que está mais do que nunca em evidência, indicando que a história não se submete aos desmandos e controles de quem menospreza o conhecimento. Daí a relevância de registrar parte da história da passagem desse camarada educador pelo chão do cerrado goiano. Os passos e as pegadas de Freire aqui permanecem, e a proposta deste texto é mais um movimento junto a outros que compõem este Dossiê.

Dirigimos nosso texto a todas as pessoas camaradas que dividem conosco a constante insistência de construir, sem esmorecer, uma educação para a liberdade, para o conhecimento e para a autonomia. E assim como já fizemos o uso da palavra “camarada”, ao longo deste texto, recorreremos a outros vocabulários de Freire, pois poetar palavras e dar novos sentidos a elas era tão dele como sua longa barba e sua crítica constante ao capitalismo. Desde já, damos o crédito desta escrita a ele, que nos inspirou a defender a importância de seu legado, em mais uma edição da Revista *Inter-Ação*, e a nos juntarmos ao mundo não plano que, neste ano de 2021, mais do que em outros, falou, escreveu, defendeu, reconheceu, inúmeras vezes, o nome do camarada Paulo Freire!

OS PASSOS DE FREIRE NO CERRADO: O SONHO POSSÍVEL NAS TERRAS GOIANAS

Após dezesseis anos fora do Brasil, Freire voltou do exílio em 1980. Quatro meses depois, veio a Goiânia para participar do *III Encontro Nacional de Supervisores*. Em 1988, ano da promulgação da Constituição Cidadã, retornou para receber o título de Doutor *Honoris Causa*, proposto pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás [UFG]. A andarilhagem de Paulo Freire em Goiás começou, no entanto, nos anos de 1960, antes do golpe militar. Sua presença e seu legado foram fundamentais para inserir Goiás no debate nacional sobre as experiências com alfabetização popular condizentes com suas concepções de educação.

As reflexões de Paulo Freire subsidiaram processos de formação, produção de materiais, cursos e encontros com grupos de educadoras/es, como os participantes da Juventude Universitária Católica [JUC] e o Movimento de Educação de Base [MEB]. Grupos de Goiânia realizaram viagens para São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, com o intuito de participar de formação e outros movimentos que contribuíram para pensar uma educação democrática.

A produção coletiva de material para a alfabetização de adultos, em especial, pessoas que trabalhavam na área rural, foi uma das ações concretizadas. Como exemplo, podemos citar o conjunto Didático *Benedito e Jovelina*, que, de acordo com Rodrigues, Rocha e Valdez (2019), baseou-se nas concepções de alfabetização de Paulo Freire quanto à educação de jovens e adultos, já discutida em Goiás durante os anos sessenta, no limiar da ditadura militar, efetivada em 1964:

Benedito e Jovelina é um material elaborado nos anos de 1960 a partir dos princípios freireanos para alfabetização de trabalhadores rurais goianos, no contexto da proposta das Escolas Radiofônicas. O Conjunto Didático, assim intitulado pela Equipe do MEB-Goiás, se diferenciava das convenções de materiais disponíveis no mercado naquele momento. Não se constituiu como uma cartilha de alfabetização, um livro de leitura ou um livro/caderno de atividades, também não foi resultado de uma autoria específica, mas sim de um grupo de educadoras/es e trabalhadores/as rurais, em um movimento coletivo de pesquisas, diagnósticos da realidade e

experiências nas comunidades rurais goianas. (RODRIGUES; ROCHA; VALDEZ, 2019, p. 4).

No início dos anos sessenta, em função do trabalho realizado na alfabetização de adultos, no Nordeste, Paulo Freire foi convidado para trabalhar no Ministério da Educação e Cultura (MEC), durante o governo João Goulart, com o ministro da educação Paulo de Tarso. Morava com sua família em Brasília e, de acordo com Haddad (2019), na preparação do golpe, em março de 1964, Freire estava em Goiânia:

Envolvido com o trabalho de formação de professores em Goiânia, era sua assistente, Carmita Andrade, quem o mantinha informado sobre a intensa movimentação política na capital. Apenas dois dias antes, Carmita havia sugerido que ele voltasse a Brasília de imediato, porque as tensões pareciam se agravar decisivamente. Retornado às pressas, Paulo se surpreendeu ao procurar Júlio Furquim Sambaqui e ser convidado a acompanhar a leitura de uma conferência que o ministro daria dali a alguns dias. O chefe queria sua opinião. Incrédulo com a ingenuidade de Sambaqui, Paulo o alertou para o que lhe parecia um quadro de grave instabilidade institucional — e para a improbabilidade de ocorrer qualquer nova atividade do governo que representavam. No dia seguinte, os militares se instalariam no poder. (HADDAD, 2019, p. 14).

Os encontros realizados em Goiânia, para formação, visando instalar o Programa Nacional de Alfabetização, ocorreram no período de janeiro a março de 1964, contando com a participação de Paulo Freire e de outras pessoas envolvidas no projeto, como o suíço Pierre Furter, conforme registrou Peroza (2020). Em entrevista, Pierre lembrou sobre sua caminhada com Freire pelo Brasil e a passagem deles por Goiás, Brasília, Recife e outros lugares. Ressaltou, ainda, a volta apressada para Brasília, quando os dois, Paulo e Furter, foram parados por militares na estrada.

Os encontros em Goiânia aconteceram no Teatro de Emergência, um espaço público localizado no centro da capital, que abrigava atividades culturais do movimento estudantil, DCE/UNE, com apresentações de teatro popular. Naquele espaço, foram realizados vários encontros de formação para os/as trabalhadores/as da educação que comporiam os núcleos do Plano Nacional de Alfabetização. No dia 31 de março, finalizando a etapa de formação, estavam reunidas com Paulo Freire, no Teatro Emergente, várias lideranças de partidos políticos, lideranças de movimentos estudantis e sociais. Naquele mesmo teatro, foi anunciada por militantes a notícia do golpe militar.

Goiás se constituiu como um foco das perseguições políticas, após o golpe que construiu a ditadura militar (1964-1985) no Brasil. O Programa Nacional de Alfabetização, que seria lançado em 14 de maio de 1964 e que foi extinto quatorze dias após o golpe, era tema nos encontros com Paulo Freire, em Goiânia. A tensão instalada pelos militares fazia alusão a uma suposta ameaça comunista em Goiás, conforme registrou Haddad:

Na Câmara dos Deputados, políticos conservadores se revezavam na condenação permanente de seu método de alfabetização. Em 18 de abril, o deputado Emival Caiado, do partido conservador União Democrática Nacional (UDN), denunciou Mauro Borges, então

governador de Goiás e aliado do ex-presidente Jango, de implantar o comunismo no Estado: "O método comunizante do sr. Paulo Freire teve entusiástica acolhida do Governo goiano. O sr. Mauro Borges deu total e completa cobertura a órgãos estudantis dominados por comunistas". Caiado concluiu, aos brados: "Não creio que em nenhum outro Estado o comunismo tenha se infiltrado tanto!". (HADDAD, 2019, p. 18).

O Programa Nacional de Alfabetização era uma real ameaça para o governo militar que se pautava pelo autoritarismo e censura. Militantes do MEB em Goiás, que já haviam colocado em prática experiências freireanas de educação, foram duramente perseguidos pelos militares. Os materiais didáticos produzidos no Estado serviram como provas nos inquéritos para acusar educadores/as populares de subversão e implantação do comunismo.

Em nome de uma suposta lei de segurança nacional, a ditadura militar tentou silenciar trabalhadores/as da educação, pessoas ligadas à arte e à cultura em geral. Impôs censura e instaurou prisões, torturas e assassinatos, como forma de reprimir grupos que lutavam pela volta da democracia. Temendo o poder e a capacidade de atuação de distintos grupos que lutavam contra a ditadura, o regime imposto pelos militares expulsou inúmeras pessoas do país. Paulo Freire foi uma das primeiras pessoas exiladas do Brasil, tamanha ameaça que representava para os algozes da ditadura. Viveu longe de seu país por quase duas décadas, sem nunca deixar de pensar na volta como um direito de viver em sua terra, em seu chão.

Com a Anistia de 1979, que concedia "perdão político" amplo, geral e irrestrito, Freire retornou, em junho de 1980, com cinquenta e sete anos de idade, definitivamente ao Brasil. Com ele, voltaram várias outras pessoas, que partiram do país, em um contexto bastante sombrio. A pátria dolorida pela ditadura o recebeu marcada pela falta que ele fez. Freire reiniciou sua caminhada pelo Brasil, dando continuidade ao que fora interrompido, não por opção, mas por imposição de militares que criaram o escuro, ainda que as lanternas da resistência tivessem permanecido acesas e iluminado a volta da democracia.

Sobre a Anistia de 1979, vale registrar que, de acordo com Salles (2019, p.105), quando cresceu a mobilização social por uma anistia ampla, geral e irrestrita, integrantes da ditadura militar apresentaram o projeto no qual o principal objetivo era: "[...] frustrar os lutadores da anistia e proteger os generais, coronéis, almirantes, brigadeiros e todos os agentes militares e civis que praticaram indescritíveis ignomínias durante 21 anos de tirania". Ou seja, a anistia foi ampla e perdoou, sobretudo, os torturadores.

No campo da educação, as articulações para retomar as ações que os militares pisaram, em especial na área da alfabetização, foram imediatas, com a presença ativa de Freire. Em outubro de 1980, mesmo ano em que voltou do exílio, este educador veio a Goiânia para participar do *III Encontro Nacional de Supervisores*, realizado no Clube Ferreira Pacheco. Era um tempo em que a ditadura militar persistia, ainda que enfraquecida, desgastada e rumando para o final.

De acordo com Brandão (1998, p.10), Paulo Freire foi o único palestrante que não escreveu com antecedência um texto para apresentar naquele Encontro. Essa

prática se repetiu no recebimento do título de Doutor *Honoris Causa*, na UFG. Freire optou por “desentranhar na hora um pensar junto” com as mais de cinco mil pessoas presentes, o que Brandão definiu como o primeiro grande encontro com o educador brasileiro, após sua volta do exílio.

Nesse encontro, Paulo Freire proferiu a palestra intitulada “Educação: o sonho possível”, uma fala que foi transcrita e publicada, posteriormente, no livro *O Educador: vida e morte*, organizado e publicado pela primeira vez por Brandão em 1982. Paulo Freire iniciou sua fala lembrando sua alegria de estar em Goiânia para pensar com uma quase multidão, a prática de educar:

Em março deste ano, ainda na Europa, mas preparando já a volta ao Brasil, eu tive um encontro com o Carlos Brandão e ele me falava entusiasmadamente deste encontro, que ele já previa ser isto que está sendo. Astutamente, ele apanhou o meu sim, quando eu estava em Genebra e não tinha nenhum compromisso marcado para o mês de outubro, no Brasil. Mas eu aceitei evidentemente porque era fácil me convencer da necessidade de vir aqui. (FREIRE, 1998, p. 91).

Paulo Freire, como bem registrou, propôs “pensar alto” e perguntar sobre coisas como pensar dialeticamente a prática pedagógica, método, prática, obviedade, a não neutralidade da educação, avaliação, ação pedagógica, natureza epistemológica da educação, curiosidade, criatividade, método de conhecer, rigor e outros temas que se juntavam em uma fala com roteiro na experiência e na vivência. A respeito do tema do Encontro, a categoria de supervisores, que nos anos de 1980 era considerada “técnica”, Freire (1998, p. 97-98) foi categórico ao afirmar que “[...] como educadores nós somos artistas e políticos, mas nunca técnicos”. Reafirmou que a educação não é neutra e que temos um compromisso: “[...] o que significa então a exigência que devemos fazer a nós próprios com relação a uma certa clareza política que será iluminada cada vez mais pela nossa prática política e do político-educativo”.

Como não poderia ser diferente, Paulo Freire focou na relação entre educação e política e, sob a atenção geral do público, reafirmou o que se faz presente em suas concepções de vida e sua preocupação com o método como caminho para o conhecimento. Deixou sua marca ao afirmar que na educação não há neutralidade e, enquanto ato de conhecimento, a educação é um ato político. Ressaltemos aqui o fato de essa afirmação ser tão atual e necessária, em tempos em que a nossa categoria é acusada, de forma irresponsável, sob comando do Estado brasileiro, de utilizar as escritas de Freire para “doutrinar” e “subverter”.

Nota-se que a vinda de Paulo Freire a Goiânia, com menos de quatro meses no Brasil, deu sequência às preocupações e prioridades que ele construiu antes e depois do exílio. Quando desembarcou em junho, ainda no Aeroporto de Cumbica, em Campinas, ressaltou que a ausência de dezesseis anos exigia aprendizagem e intimidade com o Brasil da época, e que sua vinda era para reaprender o Brasil.

ANOS OITENTA E OS MOVIMENTOS PELA EDUCAÇÃO: UM TÍTULO AO DOUTOR PAULO FREIRE

A proposição do título de Doutor *Honoris Causa* a Paulo Freire, no ano de 1988, aconteceu em sincronia com um conjunto de mudanças que estava acontecendo no

Brasil que levantava, gigantemente, suas vozes, após vinte e um anos de ditadura militar. Os anos oitenta foram um tempo de movimentos que gritaram pelo retorno da democracia, as ruas e as praças foram ocupadas pelo povo, pelos movimentos sociais organizados em torno, sobretudo, da elaboração da Constituição Federal promulgada em 1988, mesmo ano em que Paulo Freire recebeu o título proposto pela Faculdade de Educação da UFG.

No período de 2 a 5 de setembro do ano de 1986, Goiânia abrigou uma grande conferência nacional de educação: a *IV Conferência Brasileira de Educação* (CBE), cujo tema foi "Educação e Constituinte". A Conferência, que teve um público de mais de seis mil participantes de todo o país, foi organizada pela Associação Nacional de Educação (ANDE), em parceria com a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd) e o Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES). O objetivo do evento foi possibilitar espaço de debate acerca de propostas para a nova Carta Constitucional, que foram materializadas na "Carta de Goiânia" (CARTA DE GOIÂNIA, 1986).

Em que pese o fato de não ser nosso objetivo discutir a IV CBE, importa destacar que a realização da Conferência, em Goiânia, marcou um momento muito importante para a educação brasileira, pois, boa parte dos avanços constitucionais foram discutidos pelo coletivo que, em seguida, se articulou e se organizou para enfrentar os complexos embates constituintes. Ademais, é esse movimento intenso que, ao reconhecer o papel da educação para a construção de um país democrático, se alinha com a perspectiva freireana de que a educação é um ato político, ou em suas palavras:

O que eu acho é que não é possível eu me declarar neutro diante dos educandos simplesmente porque devo respeitá-los. E, exatamente porque devo respeitá-los, é que devo falar da minha opção e não silenciar a minha opção. Quer dizer: eu não posso silenciar uma verdade, mas devo respeitar os outros. (FREIRE, 1998, p. 98).

É nesse diapasão que a Carta de Goiânia reiterou:

A educação escolar é direito de todos os brasileiros e será gratuita e laica nos estabelecimentos públicos, em todos os níveis de ensino. Todos os brasileiros têm direito à educação pública básica comum, gratuita e de igual qualidade, independentemente de sexo, cor, idade, confissão religiosa e filiação, assim como de classe social ou de riqueza regional, estadual ou local. (CARTA DE GOIÂNIA, 1986).

Além de considerar a educação escolar como direito de todos, a IV CBE apontou as pautas que, ao longo dos últimos trinta anos, têm ocupado as resistências dos educadores no Brasil: a qualidade da educação, obrigatoriedade da educação escolar, o financiamento público para educação, a educação da infância, a inclusão dos deficientes, a valorização dos profissionais da educação, a democratização da educação, programas suplementares, dentre outros.

Nesse movimento, há de se destacar que 1988 foi o ano de aprovação, na Assembleia Nacional Constituinte, de uma nova Constituição Federal, um marco histórico para a instituição do estado democrático de direito no Brasil. Assim, homenagear Paulo Freire naquele contexto foi um ato de resistência e de reconhecimento da coragem e da lealdade à democracia e ao respeito dos direitos de todas as pessoas que foram perseguidas, cerceadas, presas, torturadas e assassinadas durante a ditadura militar.

Somando o sonho e a coragem, a jovem Faculdade de Educação da UFG, localizada no Centro-Oeste, e que à época completava duas décadas, segue “numa trajetória que a conduz, partilhando os ideais de Paulo Freire à opção por uma educação transformadora” (UFG, 1988) e, assim, propõe o título de Doutor *Honoris Causa* a esse educador, em reconhecimento do relevante legado à educação brasileira, que ele já havia construído. No ano seguinte, 1989, a Universidade de Bolonha, na Itália, que completava novecentos e um anos, concedeu esse mesmo título a Paulo Freire. Desse modo, soma-se o reconhecimento de uma jovem instituição universitária com o de uma das mais antigas do outro lado do Atlântico, evidenciando a importância de Paulo Freire para o mundo.

Nas palavras da professora Marlene de Oliveira Lobo Faleiros, então diretora da Faculdade de Educação, a proposta do título se justificou pelo “reconhecimento desta Unidade pela obra do Prof. Paulo Freire, de renome internacional por seu caráter inovador e polêmico e que constitui um marco na educação brasileira” (UFG, 1988, p. 01). A proposição do título em 1988, além de ser uma forma de comemorar os vinte anos da Faculdade de Educação, foi um meio encontrado para também brindar as duas décadas da publicação do livro *Pedagogia do Oprimido*, assim ressaltado: “[...] fundamento das práxis educativa que o professor vem desenvolvendo ao longo deste período e que deu início a uma grande produção teórica que hoje constitui uma referência na teoria da educação brasileira” (UFG, 1988, p. 02).

A UFG foi a décima primeira universidade a conceder o referido título a Paulo Freire, a quarta universidade brasileira, pois as primeiras foram instituições universitárias estrangeiras que, enquanto vivíamos o Estado violento da ditadura militar brasileira, já reconheciam o significado freireano de educar para a liberdade. São quase quarenta títulos em vida e pós-morte concedidos por universidades estrangeiras e brasileiras, que registraram o nome de Paulo Freire em suas histórias. O título de Doutor *Honoris Causa* é compartilhado com pessoas nas quais a academia reconhece valores diversos. Desse modo, junto com outros nomes luzentes, como o de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nossa poetisa Cora Coralina e de Paulo Balduino de Sousa Décio - nosso querido lutador pelos direitos humanos, Dom Tomás Balduino - está o nome de Paulo Freire na nossa universidade.

No dia 11 de novembro de 1988, uma sexta-feira, no auditório da Faculdade de Educação, localizada no Campus I da UFG, o Professor Ildeu Moreira Coêlho (2009) leu um discurso escrito por suas mãos, em uma noite que pulsava de emoção! Ressaltou a importância do título e o significado que carregava, pois se tratava de um reconhecimento formal da contribuição de Freire para a educação:

Com efeito, Paulo Freire é sem dúvida um marco que a ninguém é permitido desconhecer, inclusive porque simbolicamente encarna o pensar e o fazer de milhares de educadores e militantes envolvidos,

em diferentes setores da sociedade civil, com o projeto de construção de uma sociedade de iguais, de luta pela efetiva democratização dos bens culturais coletivamente produzidos e de criação de uma “educação como prática da liberdade”. (COELHO, 2009, p. 2).

Sim, camaradas! Não deveria se permitir desconhecer a prática, as ideias defendidas, a voz estendida desse professor, ativista, militante, defensor de uma educação pautada no direito de todas as pessoas terem acesso ao ensino como prática para a liberdade. Impossível ignorar alguém que brigou pelo direito à leitura do mundo, de um ensino que não se separa das vistas críticas do funcionamento da sociedade, que nos chama para o compromisso com o povo deste país e, em uma lucidez inabalável, argumentou sobre a impossibilidade da neutralidade de quem educa. Em tempos de “despropostas” para a educação pública, de grupos como o dos defensores de uma “escola sem partido” e de outras ideias e tentativas conservadoras, o pensar de Paulo Freire é de uma atualidade gigante! São defesas atemporais, que nos motivam a não arrefecer frente às angústias crescidas em tempos de grandes retrocessos.

A Faculdade de Educação, que prioriza a formação crítica de pessoas para exercer o magistério, acertou grandemente, camaradas, quando propôs o título e reconheceu Paulo Freire, quase uma década após sua volta do exílio. A academia se humaniza quando reconhece, de forma cuidadosa e atenta, pessoas como Paulo Freire. Nas palavras de Coelho (2009):

Ao pensar e recriar a prática docente, a Faculdade de Educação tem lutado bravamente contra a alienada e alienante especialização que estiola a vida intelectual e destrói a possibilidade de pensar o todo, bem como contra a atual divisão do trabalho escolar que nega o saber e a competência do professor, degradando suas condições de trabalho. (COELHO, 2009, p. 3).

Com certeza, o pensar e o recriar a prática docente é um desafio imenso em tempos de padronização curricular, na qual a Educação Básica se reduz à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a formação de professores deve ser parametrizada frente à BNCC. Uma base de formação devastadora, que nega, em essencial, o proposto por Paulo Freire, assim como a trajetória da própria Faculdade de Educação, como espaço de pensar e recriar uma educação transformadora.

Recriar a prática docente é também um exercício político de pensar, planejar um projeto que assume uma direção. Nesse sentido, a importância de se interrogar, como nos ensinou Paulo Freire, qual formação? Que pessoa humana? Para que formar? Ou nas palavras do mestre, no Encontro em Goiânia:

Essas perguntas que a gente faz enquanto educadores, ao lado do conhecimento que é sempre a educação enquanto ato de conhecimento é também e por isso mesmo um ato político. No momento mesmo em que a gente se pergunta *em favor de quê e contra quê, em favor de quem e contra quem* eu conheço, nós

conhecemos, não há mais como admitir uma educação neutra a serviço da humanidade, como abstração. (FREIRE, 1998, p. 97).

Ao assumirmos o cumprimento estabelecido pela BNCC, reconhecemos o caráter pragmático, limitado e empobrecido da formação. Desconsidera-se o sujeito, sua historicidade e diversidade, omite-se as perguntas *em favor de quê e contra quê, em favor de quem e contra quem*, e por isso mesmo, nega-se Paulo Freire.

Este Dossiê, camaradas, que vocês têm ao alcance dos olhos, é mais um reconhecimento da UFG ao homem que tanto nos representa na história da educação brasileira. É daqui que lhes escrevemos, da Faculdade de Educação, que abriga o nosso periódico há mais de quatro décadas e reconhece a necessidade de somar no justo e necessário agradecimento à história do educador Paulo Freire. O título de Doutor *Honoris Causa*, que em latim significa "por causa da honra", cabe muito na vida de Paulo Freire, por isso, temos a honra de mais uma vez evidenciar a grandeza desse homem que se correspondeu com o mundo e deixou um legado tão importante que nada nem ninguém, jamais, vai lhe tirar o título de educador e mestre de todos/as nós!

Não podemos esquecer, camaradas, que desde os anos de 1980, o Centro Acadêmico de Pedagogia da Faculdade de Educação carrega o nome de Paulo Freire, estendendo o que reconhecemos como luta no movimento estudantil e que muito corresponde ao princípio do diálogo e da educação libertadora, defendida por aquele que sempre acreditou na fecunda dialética da prática educativa. Freire carregou palavras para serem lidas, para serem compreendidas e usadas no complexo mundo de ensinar e de aprender, de ousar e... escutar mais que falar. Esta escrita é, desse modo, uma forma de corresponder com pessoas que caminham com o mestre que semeava o direito de ler as palavras e, por meio também da leitura do mundo, poder lutar contra formas de opressão que mantêm as injustiças sociais.

Este dossiê é, portanto, mais um contributo da Faculdade de Educação, que se materializa por meio de sua Revista, buscando manter viva a memória de Paulo Freire, na palavra, na escrita e no cotidiano de formação de educadores e educadoras. Em tempos nos quais a resistência é fundamental para que seja mantido um projeto formativo, retomar a memória de Paulo Freire e atualizar seu pensamento, por meio de novos estudos e pesquisas, com certeza contribui muito para o esperar e para a educação como um sonho possível ou, em suas palavras:

Eu diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE, 1998, p.101).

Acreditando nesse sonho possível, sem perder o engajamento com o hoje, que este dossiê se apresenta!

Boa leitura!
Novas releituras!
Viva Paulo Freire!!!

Artigo recebido em: 01/04/2021
Aprovado para publicação em: 29/06/2021

COMRADE PAULO FREIRE IN GOIÁS: WANDERING AROUND THE CERRADO

ABSTRACT: This text, which integrates the Dossier commemorating Paulo Freire's centenary, highlights the presence of this educator in the state of Goiás, is organized into two temporal sections. The first focuses on the 60s, before the 1964 military coup, when Freire held a national debate and came to Goiânia to publicize his experiences on adult literacy which showed his conceptions about education. The second focuses on the post-exile period, with Freire's participation, in 1980, in the III National Meeting of Supervisors, and in 1988, when he was awarded the title of honorary doctor proposed by the Faculty of Education at UFG. From the analysis of the documents, as well as the testimonies of people who followed these events, we can see that the presence of Paulo Freire in Goiás was fundamental for the debate on a liberating and democratic education in these two moments in history. PFreire has left a significant mark on education in Goiás, Brazil and other countries, this recognition is consolidated in several places, which makes him even more the patron of Brazilian education.

KEYWORDS: Paulo Freire. Goiás. History of Education. 1980's.

EL CAMARADA PAULO FREIRE EN GOIÁS: ANDANZA POR EL CERRADO

RESUMEN: Este texto, que forma parte del Dossier conmemorativo del centenario de Paulo Freire, destaca la presencia de este educador en el estado de Goiás y está organizado en dos secciones temporales. El primero se centra en los años 60, antes del golpe militar de 1964, cuando Freire realizó un debate nacional, y llegó a Goiânia para dar a conocer sus experiencias con la alfabetización popular, lo que evidenciaba sus concepciones sobre la educación. El segundo se centra en el período post-exilio, con la participación de Freire, en 1980, en el III Encuentro Nacional de Supervisores, y en 1988, cuando se le otorgó el título de Doctor Honoris Causa propuesto por la Facultad de Educación de la UFG. Del análisis de documentos, así como de los testimonios de las personas que siguieron estos hechos, se puede ver que la presencia de Paulo Freire en Goiás fue fundamental para el debate sobre una educación liberadora y democrática en estos dos momentos de la historia. Freire marcó un importante encuentro con la educación en Goiás, Brasil y otros países, este reconocimiento se consolida en varios lugares, lo que lo convierte aún más en el mecenas de la educación brasileña.

VALDEZ, D.; ALVES, M. F.

PALABRAS CLAVE: Paulo Freire. Goiás. Historia de la Educación. Años ochenta.

NOTA DE AGRADECIMENTO

Agradecemos...

a generosa contribuição da Professora Marlene de Oliveira Lobo Faleiros e do Professor Ildeu Moreira Côelho, pelos depoimentos e dicas valorosas;

à Professora Alda Maria Borges, pelas lembranças significativas vividas nos anos sessenta e que muito fundamentou este texto;

ao Paulo Eduardo de Oliveira Neto, Diretor do Centro de Informação, Documentação e Arquivo - CIDARQ/ UFG, pela ajuda na localização de documentos importantes para esta escrita;

à Ana Raquel Costa Dias, pela agilidade pronta na busca de obras escondidas em PDF nos arquivos remotos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. R. Vida ou Morte? Esperança ou Desesperança? In. BRANDÃO, C.R. **O educador: vida e morte**. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

CARTA DE GOIÂNIA. **IV Conferência Brasileira de Educação**. 2 a 5 de setembro. Goiânia, 1986.

COÊLHO, I. M. **Discurso proferido na Universidade Federal de Goiás, por ocasião da entrega do diploma de Doutor *Honoris Causa* ao Prof. Paulo Freire, em 11 de Novembro de 1988**. Revista Inter Ação, V. 34, n. 1, p. 245–249, jan./jun., 2009

FREIRE, P. Educação. O sonho possível. In. BRANDÃO, C.R. **O educador: vida e morte**. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

HADDAD, S. **O educador**: um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

PEROZA, J. **Entrevista com o educador suíço Pierre Furter**. Revista Educação & Linguagem, V. 23, n. 2, p. 269-298, jul./dez. 2020.

RODRIGUES, M. E. de C.; ROCHA, J. G.; VALDEZ, D. **Benedito e Jovelina**: a história da alfabetização de trabalhadores rurais em Goiás nos anos sessenta (Século XX). Revista Brasileira De Alfabetização, v. 1, n. 11, p. 100-123, jul./dez., 2019.

SALLES, P. **Ninguém se calar**: depoimento na Comissão Nacional da Verdade. Goiânia/GO: Editora Kelps, 2019.

UFG. **Concessão de Título Doutor Honoris Causa a Paulo Freire**. Processo 23070.009836/88-75. Goiânia: 1988.

DIANE VALDEZ: Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Educação (UNICAMP – 2006).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6721-3789>
E-mail: divaldez@ufg.br

MIRIAM FÁBIA ALVES: Doutora em Educação pela UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais (2007), mestre em Educação pela UFG- Universidade Federal de Goiás (2000), Licenciada em História pela UEG - Universidade Estadual de Goiás (1992). Realizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade de Sevilha, na Espanha, no ano de 2018. Professora associada na Faculdade de Educação/UFG e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7742-0009>
E-mail: miriamfabia@ufg.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).